

O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 8 - Nº 26

MAI / SET - 98

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO



A antiga Av. d'Abadia (atual Av. Antônio Carlos) em processo de remodelação. O traçado modificava-se enquanto se mantinham antigas construções. O momento fotografado refere-se à homenagem prestada pela cidade ao seu filho, o então bispo Dom José Gaspar. Em primeiro plano vê-se o desfile dos alunos do Colégio Dom Bosco. 1935. 00478 - SPH/FCCB (Doação da família Affonseca e Silva)



O antigo largo da Matriz (hoje, Praça Coronel Adolpho). A tentativa de modernização da cidade nas primeiras décadas do século XX, decorrente da idéia de "progresso", implicou a demolição da primeira matriz e de parte dos casarões ali existentes. A fotografia, datada de 1915, reconstitui o momento em que o crucifixo da Igreja era conduzido para as novas instalações do Fórum, no prédio da Câmara Municipal. 00044 - SPH/FCCB.

NASCE UMA CIDADE

Antes... tudo era somente uma grande extensão de terras rurais. Depois foi demarcado o patrimônio religioso e construída a primeira Igreja Matriz de São Domingos do Araxá. A paisagem urbana começou a ser delineada a partir do antigo largo da Matriz, de onde saíram ruas estreitas. Algumas delas atingiram espaços que se transformaram em praças, outras tornaram-se avenidas como a atual Av. Antônio Carlos. Em meio ao rural e ao urbano aos poucos foram definidos os espaços a serem ocupados, primeiro pelo poder eclesiástico e, depois, pelo poder público e pelo cidadão. Como tantas outras cidades, assim nasceu Araxá.

NESTA EDIÇÃO:

Quem foi Padre André Aguirre; A origem da família Afonso de Almeida; As últimas pesquisas sobre a história do Complexo Turístico do Barreiro; A biografia do ex-prefeito Antônio Martins Villas Boas.

Editorial

A distância entre uma edição e outra de *O Trem da História*, algumas vezes, causa ansiedade entre os nossos leitores.

Pesquisar é garimpar informações fidedignas e reuni-las dentro de um contexto histórico mais amplo.

O processo de elaboração desse boletim é longo e envolve extensa pesquisa, redação dos textos, revisão, seleção de documentação histórica e fotográfica, acompanhamento na montagem do lay-out, revisão final e, por último, a impressão gráfica.

Somam-se a esses fatores a reduzida equipe do Setor de Pesquisas e Publicações responsável por sua composição e, ainda, a busca de recursos financeiros para patrociná-lo. Depois de vários meses de trabalho o resultado é extremamente gratificante. Cumpre-se o objetivo de preservar a memória da cidade e de despertar o interesse de crianças e adultos para a história.

Nessa edição por exemplo, reconstituímos o nascimento de Araxá e a sua evolução urbana. Resgatamos a vida e o carisma do Padre André Aguirre na luta pela construção da nova Matriz. A administração do ex-prefeito Villas Boas é inserida no seu momento histórico e são revelados novos aspectos sobre a construção do Grande Hotel e das Termas.

Por fim, divulgamos a origem da família Afonso de Almeida, ramo a que pertence Oraidia Afonso Borges, pesquisadora que há meio século dedica-se aos estudos genealógicos da família. Os seus antepassados são os mesmos de inúmeros de nossos leitores. Vejam como somos aparentados.

ERRATA

Na edição anterior – página FAZENDO HISTÓRIA – esquecemos de indicar o nome do Setor de Promoções Culturais e Eventos na realização das seguintes atividades: "Imagens da Saudade" – exposição de fotografias antigas; "Uma flor para um mundo melhor" – exposição de ikebana; mostra de artesanato pelo "Dia do Artesão" e lançamento do livro Dona Beja. À frente dessas promoções esteve a chefe do referido setor jornalista Elaine Denise Oliveira. Hoje Elaine é Secretária Municipal de Turismo.



Cartas dos Leitores

"Uberaba, 13 de maio de 1998

Estimada Sra.
Lygia Cardoso Maneira
Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

É com grande admiração e apreço que recebo, uma vez mais, o Boletim Informativo do Setor de Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto, "O Trem da História", Nº 25, o qual está excelente, e muito me deixa comovida pela oportunidade de ler e ver fatos e fotos interessantes de minha terra natal. Muito me honram e emocionam as edições singulares de "O Trem da História", que a cada edição vem somar profissionalismo e ética da história que Araxá fez e deixou registrada. (...)
() Sabe, D. Lygia, "O Trem da História", além de ser altamente bem elaborado pelos profissionais que o editam, me deixa muito feliz, permitindo-me passear por esta nossa terra e encontrar tantas lembranças da menina que fui. E, a menina que fui, foi muito, muito feliz. Muito obrigada.
Todo o carinho da,

Márcia A. Ribeiro Borges"

"Uberaba, 15 de maio de 1998

Ilma. Sra.
Lygia Cardoso Maneira

Recebemos e agradecemos o Boletim Informativo "O Trem da História", Ano 8, Nº 25.

Museu de Arte Sacra"

"Santo André, 19 de maio de 1998

Prezada equipe do "Trem da História"

Tenho em mãos o informativo de Nº 25, um deleite para minha mente e uma poesia para minha alma!

Mais uma vez escrevo para salientar o quanto admiro esta competente equipe, que aprimora cada dia mais este boletim, tornando-o um valioso presente para quem o recebe! Confesso

que fico jubilosa quando vejo no meio de minha correspondência, "O Trem da História".

Destaco a coluna "Estação Memória" que vem dar mais substância ainda aos excelentes artigos.

Um grande abraço a todos
Atenciosamente,

Edna Jalva Afonso Dutra"

"Araguari, 01 de julho de 1998

Ilma. Sra.
Lygia Cardoso Maneira.

Prezada Senhora,
O Arquivo Público Municipal de Araguari vem agradecer o envio por parte de V. Sa. do informativo "O Trem da História" a este órgão. Esse informativo nos dá a oportunidade de conhecermos a história de Araxá e da região; e ressaltamos, ainda, a importância desse nosso intercâmbio cultural. (...)
Atenciosamente,

Angela Angeles Alamy
Chefe Divisão A.P.M.A."

"São Paulo, 05 de julho de 1998

Ilma. Sra.
Lygia Cardoso Maneira

Prezada Lygia,
Após ausência de mais de um mês de São Paulo, tive a satisfação, ao meu retorno, de encontrar o exemplar nº 25 (Jan/Abr-98) do boletim "O Trem da História" que, aliás, recebo assiduamente.

Parabenizo-a pela homenagem a Domingos Zema no "Quem foi Quem", de fato, merecedor de tudo o que foi dito. Quando residi em Araxá com meus pais Demia Orzali Gianni e Emmanuel Gianni, tive a oportunidade de conviver e acompanhar de perto a saga empreendedora de "seu Domingos" (...) como amiga da Família Zema, convívio e amizade que, embora a distância, mantenho até hoje.

Grata,

Alice M. M. Gianni Oliani"

O TREM DA HISTÓRIA

EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Lygia Cardoso Maneira
PRESIDENTE

SETOR DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

Glaura Teixeira Nogueira Lima
PESQUISA E TEXTO

Keyla Barbosa Machado
Aparecida Marlúcia de Melo e Costa
COLABORAÇÃO

Elaine Denise de Oliveira
JORNALISTA RESPONSÁVEL - DRT/DF 2089/80

Antônia Verçosa
REVISÃO

Imagem Propaganda
LAY-OUT e ARTE FINAL



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

PRAÇA ARTHUR BERNARDES, 10 - ARAXÁ - MG - CEP 38180-000
FONE (034) 662-1033 - RAMAIS 2260, 2262, 2263 - FAX (034) 662-1262

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ



QUEM FOI QUEM

PADRE ANDRÉ AGUIRRE

Depois de ter sido vigário da Paróquia de Araxá no período de 1911 a 1926, época em que viveu uma forte relação de amizade com os seus paroquianos, Pe. André Aguirre assim se despediu da cidade:

... "Com um sentimento que nunca senti na minha existência, com o coração cheio de saudades e a alma repleta de gratidões deixo a paróquia de Araxá depois de 14 anos e tres meses que fui o seu vigário. Faltas muitas e grandes commethi das que peço a Deus Nosso Senhor o perdão, mas a graça de Deus bem mais poderosa que os meus pecados operou inestimáveis fructos espirituales. Gracias sejam dadas ao Todo Poderoso e um eterno agradecimento ao povo de Araxá. Adeus. Adeus. Araxá, 31 de janeiro de 1926. O Vigário, Pe. André Aguirre".



Padre André Aguirre

A idéia do adeus a que se referiu na despedida não se concretizou. Pe André retornou algumas vezes a Araxá. A primeira, ao que parece, foi em 1935 quando aqui esteve para recepcionar o então Bispo Dom José Gaspar. Retornou, possivelmente por mais duas vezes, uma durante a administração do Prefeito José Adolpho de Aguiar (1947-1951) – de quem foi um grande amigo – e outra, anos mais tarde, em 1963.

Por iniciativa de alguns araxaenses, desta última vez, foi acolhido na Santa Casa local onde viveu mais de um ano e faleceu em 22 de maio de 1965, aos 86 anos. Depois de ter o seu corpo velado na Igreja Matriz foi enterrado no Cemitério das Paineiras onde, ainda hoje, o seu túmulo é visitado. Em sua certidão de óbito, assinada pelo Dr. Antonio de Paiva Borges e declarada ao Cartório de Registro Civil por Francisco Baptista Sobrinho, consta o seu nome como André Aguirre Gil, filho de Francisco Aguirre e Cecilia Gil.

Era natural de Fitero, região de Navarra, norte da Espanha. Nasceu em 30 de novembro de 1879.

FORMAÇÃO RELIGIOSA

Como religioso, formou-se na Ordem Agostiniana. Por um período, desligou-se desta quando, por determinação da Igreja, tornou-se padre secular (leigo) com a finalidade de suprir a falta de sacerdotes no interior. Mais tarde retornou a sua ordem inicial e, ao morrer, era novamente o "Frei André".

Domingos, Santa Rita, Nossa Senhora d'Abadia, São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição. Considerando todas elas pequenas para atenderem às exigências da paróquia e, segundo o próprio vigário, estando algumas em ruínas e outras à espera de reformas Pe. André lançou-se a um audacioso projeto.

Seu objetivo consistia em demolir as igrejas menores e centralizar os esforços na construção de apenas uma, porém, de maior porte.

Escolheu-se para a nova igreja a atual Praça São Domingos, local ocupado pela Igreja Nossa Senhora d'Abadia que deveria ser demolida. A posição seria a mesma da antiga igreja, ou seja, voltada para a avenida que estava sendo remodelada.

Do seu projeto, orgulho da população católica (manifestado, inclusive, através da imprensa), constavam espaços para abrigar dentro da nova igreja, uma capela para cada irmandade ou para as demais igrejas demolidas.

Nos dias de hoje torna-se difícil imaginar a demolição de um conjunto delas enquanto se luta para implantar e praticar uma legislação que as proteja.

RESISTÊNCIA

Segundo algumas referências o vigário teria encontrado resistência somente por parte da Igreja São Sebastião, hoje patrimônio histórico e religioso tombado pelo município e pelo Estado de Minas Gerais. A irmandade por ela responsável não concordou com a pretendida demolição.

Tudo indica que o desejo de Pe. André de dotar a cidade de um templo com proporções físicas e estéticas compatíveis à fé católica encontrou respaldo na comunidade como um todo. Ao que parece o povo de Araxá não só aprovou a iniciativa como também empenhou-se na sua concretização.

A influência espiritual exercida pelo vigário sobre seus paroquianos (dos quais foi sempre o conselheiro e o amigo) e a aplicação do conceito de que o homem é filho de seu tempo contribuíram também para justificar atitudes hoje consideradas inaceitáveis quanto à preservação dos bens culturais de um povo.

Mas o que realmente aconteceu é que, excetuando-se a de São Sebastião e a do Rosário (mais tarde reconstruída), as

Sua primeira missa foi celebrada no dia 06 de janeiro de 1902, na Igreja Matriz de Dolores de Santa Juliana, na época, distrito de Araxá. Possivelmente foi esse o início de sua aproximação com a nossa paróquia de São Domingos.

No dia 29 de setembro de 1911 chegou pela primeira vez a Araxá e tomou posse, no dia seguinte, como vigário, conforme registro feito por ele mesmo.

No mesmo texto diz ter encontrado a Igreja Matriz de São Domingos (a primeira, localizada na atual Praça Coronel Adolpho e demolida posteriormente) em mau estado de conservação. A mesma observação foi feita em relação aos paramentos (vestes litúrgicas) e às alfaias (móveis e adornos litúrgicos).

Segundo o costume da época, existiam muitas igrejas, tantas quantas fossem necessárias à demonstração da fé católica e ou à vaidade das confrarias (ou irmandades).

AS IGREJAS

Por ocasião da sua chegada, Araxá contava com 6 (seis) igrejas: Matriz de São



Da esquerda para direita: Luísa Santos Almeida, Pe. André Aguirre, Venina Machado Santos e Armando Santos. Poços de Caldas, 1939. Acervo Domingos Santos.

igrejas foram demolidas e assim começou a epopéia da construção da nova matriz.

NOVA MATRIZ

Sob a coordenação do Pe. André organizou-se uma comissão para dar início às obras. Faziam parte dela o vigário e outros elementos representativos da comunidade como Terêncio Pereira de Rezende, José da Cunha Soares e Gastão Santos.

Em cerimônia oficial realizada em 19 de março de 1917, a bênção da primeira pedra simbolizou um momento significativo.

Como chefe local da igreja e único sacerdote da cidade enfrentou inúmeros problemas para cumprir o seu duplo compromisso de edificar a nova igreja matriz e fundar um colégio na cidade.

Para isso dependia, sobretudo, do patrimônio paroquial junto à administração do município. A igreja, proprietária de grande parte dos terrenos urbanos, interessavam a desapropriação e a venda, a princípio, do patrimônio da velha matriz e, a seguir, do da Igreja da Conceição e do terreno onde estava edificada a Igreja

Santa Rita, àquela altura já demolida.

Pe André foi autorizado pela Nunciatura Apostólica a efetivar a negociação no valor de 50 contos de réis para que estes fossem empregados na construção da nova matriz. O plano de reurbanização da cidade com a abertura de avenidas e ruas só seria possível se o município detivesse a posse daqueles terrenos.

Enquanto se discutiam valores financeiros entre ambas as partes (e, para isso, foi solicitada, inclusive, a participação do Bispo da Diocese de Uberaba, Dom Eduardo Duarte e Silva) a velha matriz prosseguia na sua função, embora vivesse um processo de desintegração física.

POLÍTICA

Três anos depois de iniciar a tão sonhada construção, Pe. André foi obrigado em 1920 a paralisar as obras e dedicar-se à função de Provedor da Santa Casa de Araxá, cargo que exerceu até 1924.

À frente desta instituição, mobilizou toda a sociedade. Conforme deixou registrado, para empreender os trabalhos, contou com recursos financeiros do Estado, da

Prefeitura e dos católicos representados pela Associação das Filhas de Maria e pela do Sagrado Coração de Jesus. O novo prédio foi oficialmente inaugurado em 7 de setembro de 1922.

Há quem se lembre do Pe. André assentando tijolos ao lado dos pedreiros e trabalhando como mestre-de-obras. Existem nos arquivos registros em que ele, incansavelmente, solicitava à Prefeitura verbas para as obras da Santa Casa.

Para compreendermos o motivo da paralisação das obras da igreja em 1920 no momento em que dependiam muito do seu vigário basta lermos o que o próprio Pe. André escreveu:

... "Estando a política naquele tempo muito extremada, não poderiam continuar as obras começadas pelo Prefeito desta Prefeitura Dr. Raul Franco se fosse eleito um membro pertencente a qualquer dos partidos políticos e para que as obras não ficassem paralizadas aceitei o cargo do Provedor sendo necessario parar com as obras da nova Igreja que somente foram recomeçadas em 1924."

A solução encontrada em benefício da continuidade dos trabalhos até então desenvolvidos pelo antecessor, Dr. Raul Franco de Almeida, é explicada pelo fato de ele ter acumulado as funções de Prefeito da cidade (indicado para o período 1915-1919) e de provedor da Santa Casa. Naquele momento, Pe. André representou o elemento neutro que, politicamente, impedia o envolvimento de uma instituição de saúde na disputa pelo poder na cidade.

ATUAÇÃO

Em Araxá, Pe. André foi o responsável pela criação da Associação da Pia União das Filhas de Maria em 1918. As "Filhas de Maria" auxiliaram o vigário na construção da igreja, na da Santa Casa e no ensino do catecismo.

Ao lado de Antonio Caetano de Azeredo Coutinho, Dr. Maximiano Lopes Chaves e Álvaro Cardoso, fundou, em 1913, um "Externato Diurno e Noturno" para o ensino particular.

Criou também, em 1919, a Associação do Sagrado Coração de Jesus e, em 1924, a Conferência de São Tarciso. Nesta última, contou com a assessoria do Prefeito Dr. Joaquim Furtado de Menezes, um intelectual com vasta formação profissional e que promoveu, também ao lado do vigário, o incremento da Conferência de São Domingos. Essas conferências representavam, na cidade, o apoio à população carente.

A congregação das Irmãs Dominicanas



ESTAÇÃO MEMÓRIA

A VOZ PAROCHIAL

"A Voz Parochial" – jornal fundado e dirigido por Pe. André Aguirre e redigido pelo Dr. Eduardo Montandon – circulou na cidade de 1917 a 1920, com uma interrupção que ele mesmo, vigário, justificou como sendo consequência da "carestia de materiais de impressão que a indefinida guerra européia ia tomando dia-a-dia mais onerosas."

Embora aqueles tenham sido anos de incertezas ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o jornal, com a aprovação da autoridade diocesana, foi viabilizado e editado através da venda de anúncios. Era impresso na Tipografia Aguirre de Serafim Aguirre (irmão do vigário), que aqui residiu por alguns anos.

Nele, diversos assuntos eram tratados. O realce, evidentemente, era dado à construção da nova matriz. A força da comunidade católica em favor do projeto e as pendências com a Prefeitura estavam sempre presentes.

Ainda que o motivo da sua criação tivesse sido o de veicular as questões relativas às obras da nova Igreja Matriz de São Domingos, "A Voz Parochial" trazia notas sobre acontecimentos religiosos e sociais e ainda divulgava os editais de proclamas.

Fonte: Arquivo SPH / FCCB

aqui se estabeleceu, antes mesmo da fundação do Colégio São Domingos em 1928. Veio atendendo ao apelo do Pe. André para trabalhar com os doentes na Santa Casa.

PERSONALIDADE

Na lembrança dos contemporâneos de Pe. André está guardada a imagem do vigário que assistia os doentes, os humildes, as crianças. Foi também um grande incentivador das tradições culturais e religiosas praticadas no Natal (como as pastorinhas, por exemplo), na Semana Santa e em Corpus Christi. Por muitas vezes, ele esteve à frente da promoção de quermesses para angariar fundos para a construção da igreja matriz.

O automóvel, símbolo da modernidade, foi o meio de transporte usado pelo vigário para exercer suas funções religiosas. Primeiro, com uma "baratinha" (um cupê, formato de barata com espaço para quatro pessoas) e, depois, com um Chevrolet causava sensação aos que o viam passar pelas ruas.

Essa cena tornou-se comum na cidade naquele início de século. Assim é que Pe. André, único sacerdote da região, visitava seus fiéis e, nas capelas dos distritos próximos, rezava as missas.

A residência oficial ou a casa paroquial ficava ao lado direito da igreja na atual Praça São Domingos. Para essa construção ele solicitou licença à Prefeitura em 1917.

No seu dia-a-dia, fazia as refeições na pensão de D. Bárbara de Pinho, na antiga Rua do Comércio. No trajeto da sua casa à pensão passava para rever os amigos da Casa Santos e Irmão. Foi numa dessas ocasiões que chegou a sugerir-lhes que criassem uma "casa bancária", tamanha a força daquele negócio e o seu significado para a economia regional.

Tinha por hábito freqüentar assiduamente as casas dos amigos onde praticava a sua forma de lazer preferida: o jogo de baralho. Mesmo que ultrapassasse a meia-noite diante das cartas, a partir daquela hora fazia o jejum obrigatório para a missa e a comunhão do dia seguinte.

Os laços de amizade com os paroquianos foram tão estreitos que aqui Pe. André batizou inúmeras crianças das quais muitas também se chamam ou se chamaram André.

A PARTIDA

Quando recebeu o comunicado de que deveria deixar Araxá ao final de 1925 cumpriu a ordem com obediência deixando registrada, porém, sua tristeza.

Para pedir-lhe a paróquia o Bispo de Uberaba, Dom Antonio de Almeida Lustosa, solicitou a sua presença no entroncamento da rodovia Uberaba-Patrocínio. Ali lhe comunicou que, daquela data em diante, seria substituído pelos salesianos que fundariam o Colégio Dom Bosco em Araxá.

Pe. André não viu a nova igreja matriz ser concluída assim como não viu a antiga ser demolida. Após a sua partida que envolveu muitas cerimônias e também muitas lágrimas, prosseguiram as obras da igreja que foi inaugurada, posteriormente, ainda em construção, pelo seu sucessor, Pe. Vicente Priante.

Longe de Araxá e do seu povo, dele não se esqueceu e nem por ele foi esquecido. Depois de voltar à cidade por algumas vezes, recebeu a visita de representantes da Câmara Municipal que foram encontrá-lo em Franca. Isso aconteceu em 1951, após a cerimônia oficial de abertura da estrada Franca-Araxá.

Durante a primeira administração do Prefeito Domingos Santos (que em 1951 havia integrado a comitiva como vereador) Araxá demonstrou o seu apreço ao padre.

RETORNO

No exercício do cargo o então prefeito (1963-1967) empenhou-se em atender a um pedido do seu pai de quem o vigário também fora amigo e compadre: trazer Pe. André (já doente) de volta a Araxá.

Armando Santos não chegou a presenciar a iniciativa do filho que acabava de assumir a Prefeitura, pois faleceu antes que o fato se concretizasse.

Hoje, o ex-prefeito Domingos Santos relembra o episódio com emoção e atribui o mérito da iniciativa ao seu pai que o alertou para a questão e aos amigos que o ajudaram a viabilizar o retorno do ex vigário e a sua permanência aqui na cidade.

Uma série de providências foi tomada a partir de uma visita ao Convento dos Agostinianos, em 1963, quando o prefeito acompanhado por Guaracy Teixeira e Helvécio Santos estiveram com o padre e deram início à luta para trazê-lo de volta à Araxá.

A princípio foram necessárias duas autorizações: uma da Igreja em Roma e outra do Governo do Estado de São Paulo. Guaracy Teixeira foi autor da correspondência, em nome do prefeito, ao governador Adhemar de Barros.

O traslado em avião da Vasp, autorizado pelo diretor da empresa Dr. José Alfredo de Almeida, foi feito em companhia do médico Dr. Astolfo Araújo.

Em Araxá, ao chegar à Santa Casa onde foi acolhido, sua memória, ainda que prejudicada não o impediu de lembrar o passado. Fez referências ao pasto existente ali na época em que ele trabalhou na construção do hospital e foi seu provedor.

Em seus últimos anos de vida, já morando na Santa Casa de Araxá, os amigos puderam colaborar para o seu maior conforto proporcionando-lhe a presença constante do enfermeiro Deocleto Santos, que passeava com ele, numa cadeira de rodas pelas ruas da cidade.

Após a sua morte (1965), no ano em que Araxá comemorou seu centenário, representantes da Congregação dos Agostinianos aqui vieram agradecer ao prefeito e ao povo a acolhida ao "Frei André".

Fonte:

. Arquivos FCCB

. Arquivo da Igreja Matriz de São Domingos

. Depoimentos: Domingos Santos, Guaracy Teixeira,

Maria Santos Teixeira e Fernanda Aguirre Franco.

. Agradecimentos: Pe. José Perfeito -Pároco.

Marlene Aparecida Riquete, Silvana de Cássia

Silva Valenano, Regina de Fátima Roque (funcionárias da Igreja) e Cláudia Paiva Teixeira.

NASCE UMA CIDADE



A versão de Calmon Barreto, em óleo sobre tela, retrata o tema da primeira missa em Araxá. Arquivo SPH / FCCB.

Araxá, como a grande maioria das cidades brasileiras, é hoje o reflexo de como se deu a ocupação da terra desde o início da formação do seu aglomerado urbano.

As cidades nasciam como simples arraiais, em volta de uma capela que representava a construção de maior significado do lugar, embora fosse, normalmente, pequena e simples. Por usufruir do direito de possuir uma sesmaria - terras rurais concedidas pelo Estado - um sesmeiro doava parte de seu patrimônio à Igreja para que nela se edificasse uma capela e se formasse um arraial. Isso porque a Igreja e o Estado estavam unidos em um único poder e, assim, muitas normas civis eram definidas pela lei eclesiástica.

Assim aconteceu em Araxá. Para que fosse constituído um patrimônio da igreja e formado

um centro urbano, Alexandre Gondim doou uma faixa de suas terras rurais que compunham a Sesmaria do Barreiro. Em troca, garantiu atenções especiais com missa após a morte para ele e para sua família.

Nesse sentido, como em tantas outras cidades, Araxá foi sendo edificada em meio às oportunidades surgidas dentro do sistema de distribuição, divisão e cessão de terras rurais.

A antiga Igreja Matriz de São Domingos foi erguida na Praça que atualmente se chama Coronel Adolpho, de frente ao lugar onde está o Mercado Municipal. Tinha ao seu lado direito a chamada Rua Direita (hoje, Dr. Franklin de Castro) e à esquerda a antiga Rua São Sebastião. Ao fundo da igreja, assim como hoje, começava a avenida d'Abadia (atual Antônio Carlos) que levava à Praça São Domingos.

SÃO DOMINGOS

Seguindo, ainda, a lei eclesiástica a Matriz garantia a sua existência com a renda obtida principalmente de seus terrenos urbanos que abrangiam quase toda a extensão da cidade, até no início do século XX.

A escolha de São Domingos - santo de origem espanhola - como padroeiro e a devoção do povo a ele data, possivelmente, do século XVII, época da passagem de espanhóis por esta região.

A construção da antiga Matriz no final do século XVIII e o crescimento do povoado elevou Araxá à condição de Freguesia, ou seja, à categoria de Paróquia, em 1791.

Ser freguesia (ou paróquia) representava o privilégio de contar com a presença constante de um padre para prestar assistência religiosa.

Significava também o reconhecimento oficial da comunidade perante a Igreja e o Estado. A partir de então, obtinham-se registros oficiais de nascimento, casamento e óbito.

A Freguesia de São Domingos de Araxá cresceu conservando suas características iniciais. O cientista francês, Auguste de Saint-Hilaire, passou por Araxá em 1819 e escreveu:

(...) "Em 1816 Araxá contava apenas com 75 casas, todas pequenas. Por ocasião da minha viagem só duas casas eram sobrados, sendo todas cobertas de telhas de uma cor desbotada e feitas de barro e madeira, ou então de adobe. Todas elas tinham um minúsculo quintal cercado por muros muito baixos e feitos de barro.*

Há em Araxá uma praça muito ampla e de traçado regular, mas as casas que não dão

para essa praça ficam espalhadas aqui e ali, um pouco desordenadamente (1819).

A igreja foi erguida na extremidade mais elevada da praça e, conforme o costume, fica a igual distância das duas fileiras de casas. Recentemente (1819), foi iniciada a construção de duas capelas, mas teria sido melhor que se dedicassem antes à reforma da igreja paroquial, que é muito pequena e se acha praticamente em ruínas. A multiplicidade de igrejas e oratórios nas cidades e arraiais da Província de Minas deve-se unicamente, como já tive ocasião de dizer, à vaidade das confrarias. Cada um faz questão de possuir sua igreja particular e se esforça para que ela ressalte entre as das confrarias rivais (1819)."

* (informação de Eschewege citada por Saint-Hilaire)

CRESCIMENTO URBANO

Algum tempo depois da passagem de Saint-Hilaire, Araxá tornou-se vila (1831) e instalou a Câmara Municipal. Em 1865 a vila tornou-se cidade.

O espaço urbano estendeu-se. Como cidade também não deixou de apresentar as características do assentamento inicial em que os becos eram formados a partir de passagens entre quintais e as estreitas ruas tinham nomes referentes à sua função ou aos seus moradores. Por exemplo: rua da Raia (raia de corrida de cavalos; atual Dom José Gaspar), rua da Piteira (tipo de vegetação usada para limpar assoalhos; atual Pe. Anchieta), beco do Garupa (Manoel José Garupa, antigo morador do espaço entre as atuais ruas Franklin de Castro e Cônego Cassiano).

A praça a que Saint-Hilaire se referiu é a da antiga Matriz (atual Praça Coronel Adolpho), embora no caso de Araxá tivesse existido uma outra - a da Cadeia Pública - situada mais abaixo. Existem referências de que naquela praça (hoje, Praça Maria Aparecida Carneiro) teria sido rezada a primeira missa onde mais tarde existiu uma capela.

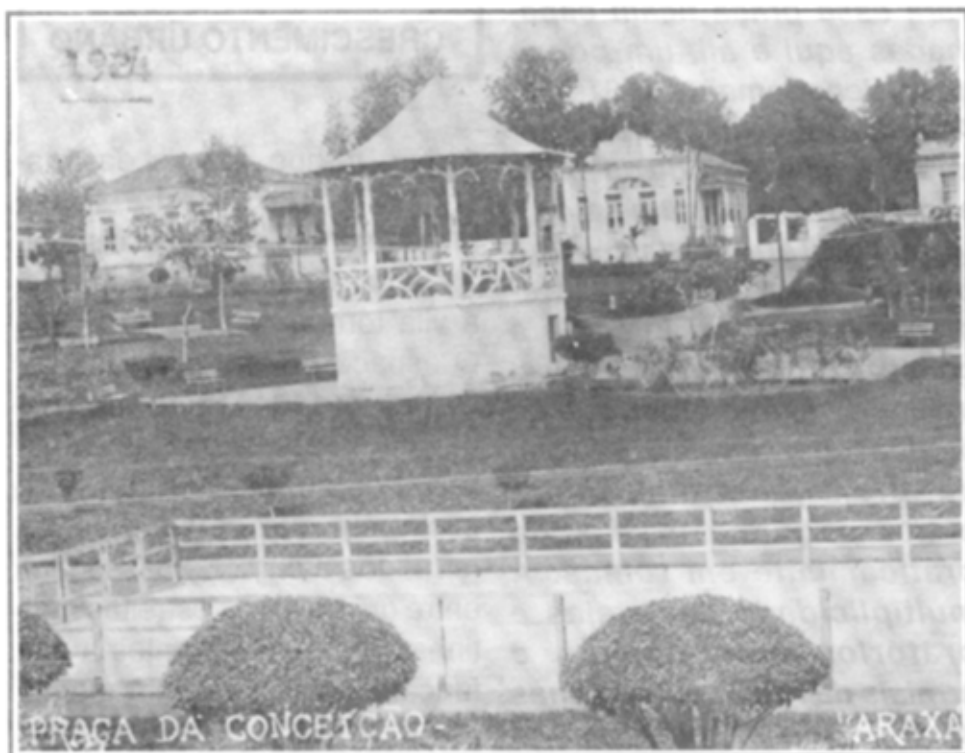
O tema da primeira missa em Araxá, o artista e professor Calmon Barreto reconstituiu-o em uma das pinturas que compõem sua vasta obra.

PRAÇAS

Em 1890 o traçado urbano de Araxá contava com quatro praças principais conforme uma



Av. d'Abadia, hoje, Antônio Carlos. Em primeiro plano, o coreto que ali existiu. Ao fundo, a igreja em construção. (1930/1940). 000410 - SPH/FCCB. (Doação de Leonilda Montandon Scarpellini).



Praça da Conceição, hoje, Governador Valadares. 1924. 00769 - SPH / FCCB. (Doação de Dâmaso Drummond).

publicação daquele ano: a da antiga Matriz, a da Cadeia, a do Rosário (hoje, Hely França) e a d'Abadia (atual Praça São Domingos).

É importante lembrar que a de São Sebastião, embora não tivesse sido citada pelo referido estudo, dentro da categoria de principal, não só existia em torno da igreja como também acolhia o cemitério e a casa de caridade.

Existia também a Praça da Conceição muito antes de ser transformada no "Jardim Novo" da década de 40. Em 1928 essa praça já se destacava, ao lado da Praça Coronel Adolpho, como as duas únicas ajardinadas. Nela havia coreto, rinque de patinação e uma gruta com imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Ainda sobre Araxá, na citada publicação da última década do século passado, o estudo aponta:

"A cidade tem 233 casas, sendo 222 de telhas e 11 de

capim. Tem somente 8 sobrados, no largo da Matriz, que é a mais bella da cidade".

Esta praça conquistou a posição destacada, evidentemente, por abrigar a igreja Matriz. Depois veio a Câmara Municipal. O poder religioso e o

político, lado a lado, avizinham-se às melhores residências e às principais casas comerciais, também expressão de poder.

As lojas partiam da praça central em direção à Avenida d'Abadia, à rua São Sebastião e, principalmente, à Rua do Comércio que se firmou enquanto espaço comercial, desde os primeiros anos da República.

Nesse aspecto a mudança do antigo ponto comercial seguiu o crescimento da cidade e atingiu outras ruas acima, até concentrar-se na Rua Boa Vista, a partir dos anos 30.

NA REPÚBLICA

A República já havia trazido, com a sua proclamação em 1889, dentre outras transformações, a separação entre a Igreja e o Estado o que, por sua vez, levou à redefinição do traçado das cidades.



Praça da Estação, hoje Arthur Bernardes. 1926/1930. 00337 - SPH / FCCB. (Doação Manoel Lopes da Silva).

A partir do início do século XX, as construções religiosas perderam a evidência e destacaram-se então, outras construções como a escola pública, o teatro e as lojas.

De acordo com os padrões de formação das cidades no Brasil, a primeira praça era sempre a da Matriz, a segunda era a da primeira escola pública e a terceira, geralmente, sediava a rede ferroviária.

Araxá cresceu em direção ao sul, ao local onde se encontravam as fontes de águas minerais do Barreiro.

Partindo da antiga Matriz rumo à outra praça, a antiga d'Abadia, nela foi construída a primeira escola pública da cidade - Grupo Escolar Delfim Moreira - inaugurado em 1911, no lugar onde hoje se encontra o Colégio São Domingos.

Cabe registrar que nessa mesma praça tinha sido edificado um teatro, já em 1891, ao lado direito da igreja. De iniciativa particular, o empreendimento dotou a cidade de uma casa de espetáculos logo depois do fim da monarquia.

A Igreja Matriz de São Domingos que hoje temos foi idealizada pelo vigário Padre André Aguirre (1911 - 1925). Construída no local onde havia sido demolida em 1917 a igreja d'Abadia recebeu, porém, o nome da antiga que ficava na praça perto da Câmara Municipal demolida em 1930. Em 1917 teve início a sua construção na praça que estava sendo remodelada. A conclusão das obras se deu em 1948.

IDÉIA DE PROGRESSO

Era indispensável à administração pública do município a posse dos terrenos pertencentes à Igreja para que se pudesse implantar um novo modelo de urbanização. À Igreja interessava comercializar parte dos terrenos em que se encontravam as igrejas menores que seriam demolidas. Os recursos obtidos seriam destinados à nova Matriz, de proporções físicas e estéticas mais expressivas. Nessa época, era comum considerar passíveis de serem derrubadas as construções que não se adequavam ao estilo "progressista" de uma cidade, sendo substituídas por outras, mais "modernas".

Diante disso é possível imaginarmos que as questões em torno da posse e do uso dos terrenos urbanos tenham gerado inúmeras discussões. Somaram-se a isso as primeiras posturas municipais elaboradas pelo código civil brasileiro em 1917.

A expansão da cidade criou outra praça, porém, com traçado diferente, geometrizado, com vistas a instalar a sede local da rede ferroviária. No caso de Araxá, isso aconteceu a partir de 1926 quando foi inaugurada a Estrada de Ferro Oeste de Minas e construída a estação de trem na atual Praça Arthur Bernardes. Durante muito tempo o belo prédio em estilo neoclássico, hoje Fundação Cultural Calmon Barreto, foi a referência do ponto mais alto da cidade, pois todo o espaço posterior a ele era um imenso campo.

Fonte:

- . Arquivos SPH/FCCB
- . Arquivo da Igreja Matriz de São Domingos
- . MARX, Murilo. *Cidade No Brasil Terra de Quem?*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- . SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- . SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Apostamentos para um estudo de arquitetura regional*. in Estudos. Revista da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, UCG, 1973.



ESTAÇÃO MEMÓRIA

IRMANDADE DE SÃO FRANCISCO E SÃO SEBASTIÃO

Dando continuidade à pesquisa sobre as irmandades divulgamos alguns aspectos, recentemente estudados, que coincidem com a reconstituição histórica da Igreja Matriz de São Domingos.

Em 1917 a Irmandade de São Francisco e São Sebastião reuniu-se em assembléia presidida pelo provedor José da Cunha Soares auxiliado pelo secretário Clodomir Cardoso.

O motivo foi deliberar sobre a retirada do cemitério ao fundo da Igreja de São Sebastião.

A remoção do cemitério e muitas outras transformações urbanas planejadas faziam parte do projeto de reconstruir a cidade e não foi um privilégio apenas de Araxá.

Durante a Primeira República (1889-1930) a maioria das cidades do Brasil passaram por um processo de reurbanização envolvendo muitas questões relacionadas ao patrimônio das igrejas.

Em Araxá não foi diferente e o projeto de construir uma igreja ampla, idealizado pelo Pe. André Aguirre, incluía demolições e indenizações.

Para a "construção de uma nova cidade", remover os cemitérios ao fundo das igrejas era fundamental. A implantação do novo traçado urbano, seguiam-se questões relativas à higiene e à saúde pública.

A Igreja, proprietária de considerável extensão de terrenos urbanos, via-se em constantes debates com a municipalidade no que se referia à abertura de novas ruas e avenidas.

A prefeitura local justificava a retirada do cemitério da Igreja São Sebastião como sendo uma obra de utilidade pública e comprometia-se com o seu posterior ajardinamento.

A assembléia da Irmandade de São Francisco e São Sebastião assim decidiu após longas discussões:

- que as pedras retiradas do seu cemitério seriam entregues ao vigário da Paróquia em benefício da nova matriz de São Domingos;

- que a Prefeitura faria às suas custas a remoção dos "jazigos privilegiados" e dos "ossos das sepulturas comuns" para o novo cemitério (das Paineiras);

- que concedia autonomia aos interessados - que quisessem remover por conta própria "os ossos dos defuntos";

- que a Prefeitura faria calçamento, sarjeta e passeio ao redor da capela.

A Irmandade exigiu ainda que no novo cemitério houvesse um espaço destinado aos seus irmãos falecidos.

A mesma reunião deu plenos poderes ao provedor para que ele negociasse, nesses termos, com a Prefeitura Municipal. Mas essas questões trouxeram, por muito tempo, vários desdobramentos.

Fonte:

- . Arquivo da Igreja Matriz de São Domingos

SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS

AFONSO DE ALMEIDA

Cecília Meireles escreveu em Genealogia, crônica publicada em **Quatro Vozes**:

"O que me encanta, nos estudos de Genealogia, é precisamente esse entrelaçamento de vidas que, ao longo do tempo, vão conduzindo seu mistério, sem saberem o que vai acontecer, com o sangue que transmitem, dali a quatro ou cinco gerações".

Podemos dizer que da família Afonso de Almeida, radicada em Araxá descendem, por uma ou outra linha, inúmeras famílias locais.

Dois dos seus pioneiros e seus descendentes entrelaçaram-se de tal maneira que participaram da formação de famílias como: Tito de Almeida, Castro, Amaral, Simões de Rezende, Fontes, Rios, Afonso Borges, Afonso Reis, Afonso Ribeiro, Almeida Machado, Rodrigues Valle, Santos, Porfírio, Montandon, Dumont, Guimarães, Botelho e outras mais.

No início do século XIX, primeiros anos de 1800, muitos que aqui chegaram para se fixarem eram procedentes de Oliveira (MG). Dentre estes, estavam dois irmãos AFONSO: **Manoel Afonso de Almeida e José Afonso da Silva**.

Araxá atraía moradores pelas condições propícias que oferecia ao cultivo da terra e à prática da pecuária, estimulados pela riqueza natural das águas. Os irmãos AFONSO também estiveram ligados à terra.

Manoel Afonso de Almeida, o primeiro deles, nasceu em 1771 em Mariana e faleceu em Araxá em 1848. Foi casado com Joaquina Cândida de Jesus com quem teve 13 filhos:

- F-1. Joaquim Afonso de Almeida
- F-2. Pedro Afonso de Almeida
- F-3. Inácio Afonso de Almeida
- F-4. Maria Silvéria de Jesus
- F-5. Jerônimo Afonso de Almeida
- F-6. Miguel Afonso de Almeida
- F-7. Cândido Afonso de Almeida
- F-8. Tereza Tomázia de Jesus
- F-9. Antônio Afonso de Almeida
- F-10. Francisco Afonso de Almeida
- F-11. Evaristo Afonso de Almeida
- F-12. Rita Cândida
- F-13. Ana Joaquina de Almeida

José Afonso da Silva, o mais novo dos dois irmãos Afonso que no passado vieram para Araxá, foi casado com Ana Maria de Jesus. Tiveram 13 filhos:

- F-1. José Afonso da Silva casado com Ana Jacinta da Conceição
- F-2. Alferes Joaquim Afonso da Silva



Casal Manoel Afonso de Almeida (Neca Afonso) e Maria Antônia do Nascimento com os filhos. 1910. Acervo Orailda Afonso Borges.

casado com Severiana Maria de Jesus
F-3. Antônio Afonso da Silva casado com Rita Maria de Jesus
(Desse casal, descende José Afonso de Almeida, o Cel. Zeca Afonso).

- F-4. Tereza Maria de Jesus casada com José Justino
- F-5. **Major Pedro Afonso da Silva** casado com Cândida Maria de Jesus
- F-6. Firmina Maria de Jesus
- F-7. Camilo Afonso da Silva casado com Cândida Jacinta de Castro
- F-8. Amázilia Maria de Jesus casada com Vicente Tomé da Silva
- F-9. João Afonso da Silva casado com Ana Jacinta de Castro
- F-10. Afonso José da Silva, primeiras núpcias, casado com Maria Joaquina de Jesus; segundas núpcias, casado com Ana Maria de Jesus; terceiras núpcias, casado com Maria Rosa Machado
- F-11. Manoel Afonso da Silva casado com Ana Jacinta de São José
- F-12. Inácio Afonso da Silva casado com Domingas Maria de Jesus
- F-13. Balduino Afonso da Silva

O fato de **José Afonso da Silva** não assinar o sobrenome **Almeida**, assim como seu irmão, justifica-se, segundo a tradição da família, pela necessidade de torná-lo diferente de outros homônimos.

No entanto três dos seus filhos se casaram com filhas do Capitão José de Almeida Ramos e de Rita Maria Jesus e, por isso,

parte de sua descendência voltou a assinar **Almeida**.

Nessa edição, O Trem da História divulga apenas a descendência do **Major Pedro Afonso da Silva, 5º filho do casal José Afonso da Silva / Ana Maria de Jesus**.

F-5. **Major Pedro Afonso da Silva** (1829-1904) casado com Cândida Maria de Jesus, filha de José de Almeida Ramos e de Rita Maria de Jesus.

Eles tiveram 13 filhos:

- N-1. Maria Cândida de Jesus ("Cota") (1862-1936) casada com Tomé José da Silva.
- N-2. Rita, nascida em 1863. Faleceu menina
- N-3. Anna Maria de Jesus ("Sinhana"), nascida em 1863, casada com José Malaquias da Cunha
- N-4. Manoel, nascido em 1864. Faleceu menino
- N-5. José Afonso da Silva, nascido em 1866 casado com Maria Cassimira de Almeida
- N-6. Joaquim Afonso da Silva ("Quinca"), nascido em 1868, casado com Edwirges Ducissa da Cunha
- N-7. **Coronel Manoel Afonso de Almeida (Neca Afonso)** (1870-1921), casado com Maria Antônia Alves do Nascimento (1867-1920)
- N-8. Miguel Afonso de Almeida, nascido em 1872, casado com Emília Alves do Nascimento
- N-9. Rita Cândida de Almeida (1874-

1945), casada com Jerônimo Bernardes de Almeida

N-10. Décio Afonso de Almeida (1876-1922), casado com Maria Severiana Almeida (1877-1934)

N-11. Rosa Cândida de Almeida (1878-1934), casada com José Fernandes de Almeida (1873-1924)

N-12. Alfredo Afonso de Almeida (1879-1940), casado com Diolina Afonso de Almeida (1886-1964)

N-13. Cândida Afonso de Almeida (1884-1966). Em primeiras núpcias casada com Antônio Fernandes de Almeida. Em segundas núpcias, casada com José Pereira de Almeida.

O 7º filho do casal José Afonso da Silva/ Ana Maria de Jesus, **Coronel Manoel Afonso de Almeida**, casado com Maria Antônia Alves do Nascimento, por sua vez, teve 9 filhos:

Bn-1. José Afonso Primo (Sinhô), nascido em 1891, casado com Augusta Mendes do Nascimento.

Tn-1. Álvaro Afonso do Nascimento/ Edméia Carvalho

Tn-2. Agnodice Afonso de Almeida/ José Monteiro Amaral

Tn-3. Maria Assunção Afonso Paschoal/ José Paschoal

Bn-2. Lindolfa Afonso de Almeida (1893-1973), casada com Hermínio Carneiro (primeiras núpcias)

Tn-4. Sandoval Carneiro

Lindolfa Afonso de Almeida, casada com Franklin Augusto Netto (segundas núpcias)

Tn-5. Lúcia Augusto Netto/Carlos Martins Netto

Tn-6. Sinval Augusto Netto/Ormindia Antônia Conte

Tn-7. Ilza Augusto Netto/ Everson Silveira
Bn-3. Cincinato Afonso de Almeida (1894-1967) casado com Iracema Borges de Almeida (1900-1973)

Tn-8. Oraida Afonso Borges

Tn-9. Yolanda Afonso Borges (faleceu menina)

Tn-10. Yolanda Afonso Borges

Tn-11. Suzana Afonso Borges/ Jesus de Afonseca e Silva

Tn-12. Leda Afonso Borges/ Gerardus Joseph Johannos Martins

Tn-13. Maria Antônia Afonso Borges/ Eurípedes Barsanulfo

Tn-14. Irene Afonso Borges (freira)

Tn-15. Zaida Afonso Borges/ Benedito Cardoso Coutinho

Tn-16. Fernando Afonso de Almeida Borges/ Maria Teresa de Ávila

Tn-17. Wander Afonso de Almeida Borges/ Marise Cardoso

Tn-18. Ronan Afonso Borges/ Doraci Amâncio Afonso

Bn-4. Leomália Afonso de Almeida, nascida em 1896, casada com Carício Borges

Tn-19. Cirene Afonso Borges/ João Afonso Borges

Tn-20. Célia Afonso Borges/ Olavo Mendes

Tn-21. Celuta Afonso Borges/ Dioram Martins Araújo

Tn-22. Celso Manoel Afonso Borges/ Maria José Leite Borges

Tn-23. Carlos Carício Afonso Borges/ Cornélia M. Arantes Borges

Tn-24. Cláudio Honor Afonso Borges/ Sandra Wall Borges

Tn-25. Cairo Augusto Afonso Borges/ Olésia

Tn-26. Antônio de Pádua Afonso Borges/ Eloísa Cruvinel Borges

Bn-5. Amália Afonso Mendes, nascida em 1898, casada com Aristides Mendes

Tn-27. Agenor de Almeida Mendes

Tn-28. Avenor Batista Mendes

Bn-6. Leônidas Afonso de Almeida (1900-1941) casado com Hermantina Ribeiro de Almeida

Tn-29. Helió Ribeiro de Almeida/ Maria Aparecida Rezende

Tn-30. Heleuza Ribeiro de Almeida/ Francisco de Paiva

Tn-31. Hortência Ribeiro de Almeida

Tn-32. Luíza Ribeiro de Almeida/ Aladim de Souza

Bn-7. Leonor de Almeida Borges ("Catuta"), nascida em 1903, casada com José Borges Primo

Tn-33. Selma Borges/ Olegário Coelho do Prado

Tn-34. Renato Borges

Tn-35. Roberto Borges/ Dora Santos

Tn-36. Selda Borges/ Alberto Castro Alves

Tn-37. Ronaldo Borges/ Marília Cardoso

Bn-8. Clóvis Afonso de Almeida (1904-1976), casado com Maria Luísa de Paiva

Tn-38. Regina de Paiva Afonso/ Silvério Antônio Caixeta

Tn-39. Dimas de Paiva Afonso

Tn-40. Eduardo de Paiva Afonso/ Celi Beraldo

Tn-41. Adriano de Paiva Afonso/ Maria Alice De Ponti

Tn-42. Humberto de Paiva Afonso/ Marina Iecco Trotenberg

Tn-43. Marta de Paiva Afonso

Bn-9. Honor Afonso de Almeida (1906-1982) casado com Iracy Afonso de Almeida

Tn-44. Diná Borges de Almeida

Tn-45. Isabel M. de Almeida/ Roberto Frioli

Tn-46. Manuel Afonso de Almeida Neto/ Creusa M. Zamith

Tn-47. Ione Borges de Almeida

Tn-48. Antônio Borges Afonso/ Ana Silvia Pereira

Tn-49. Honor Afonso de Almeida/ Lúcia Gomes

Fonte:

· Pesquisas realizadas por Oraida Afonso Borges nos arquivos cartorários e eclesiais de Sacramento, Patrocínio, Perdizes, Santa Juliana e Araxá.

· Arquivos SPH/FCCB

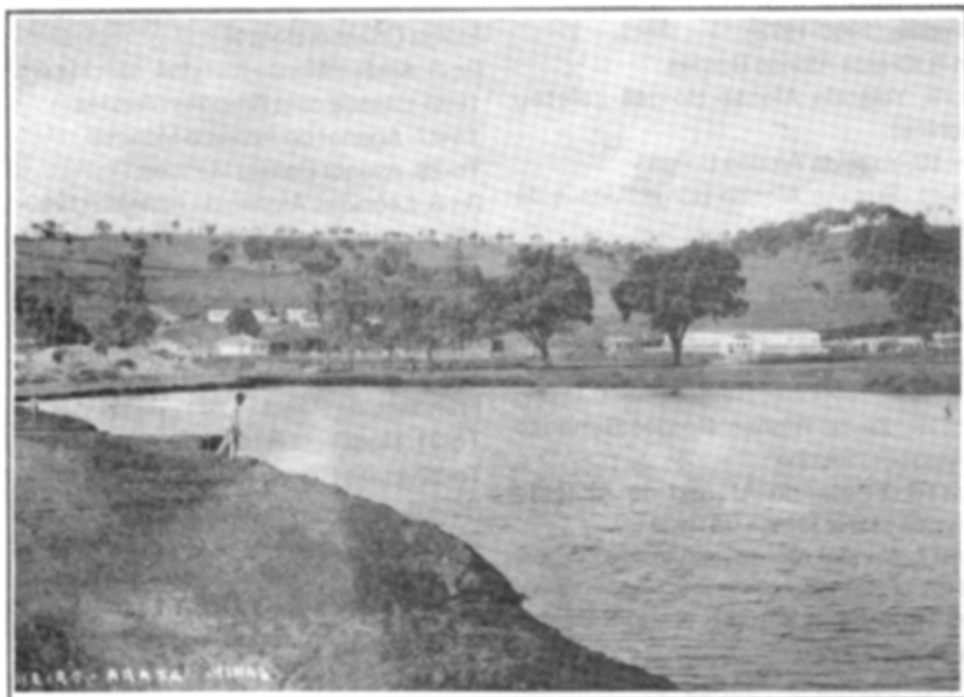
· Agradecimentos especiais: Oraida Afonso Borges



Iracema Borges de Almeida e Cincinato Afonso de Almeida. 1916. Acervo Oraida Afonso Borges.

PESQUISAS EM ANDAMENTO... E RESULTADOS

ESTÂNCIA HIDROMINERAL DO BARREIRO



O lago em formação, à direita a praça de esportes. Década de 40. Doação de Julietta Zema. 00406-SPH/FCCB.

Vejam os novos dados sobre o Grande Hotel, Termas. Praça de Esportes, Fontes e Jardins descobertos em recentes pesquisas:

☑ A obra do Barreiro está incluída na política de interiorização do Governo Vargas. A busca pela ocupação do território e pela criação de meios de subsistência no interior são visíveis na sua construção. Os governos estadual e federal empenham-se no projeto e o estabelecem como prioridade.

☑ Luiz Signorelli, mineiro de Cristina onde nasceu em 1894, trabalha na Secretaria de Viação e Obras do Estado de Minas Gerais quando o governo resolve construir o Complexo Termal do Barreiro e lhe encomenda o projeto.

☑ O escritório de arquitetura de Luiz Signorelli marca essa época em Belo Horizonte. Realiza projetos para o governo e para a elite mineira.

☑ Para tornar o Grande Hotel e as Termas conhecidos internacionalmente, é buscada a sofisticação da arquitetura e do material de acabamento. Rafael Hardy, autor do projeto da Fonte Dona Beja, ex-aluno de Luiz Signorelli na Escola de Arquitetura, também faz parte da equipe que trabalha no escritório do mesmo professor em Belo Horizonte. Ao seu lado trabalha o italiano Rafael Berti, também arquiteto.

☑ O estilo arquitetônico do Grande Hotel e das Termas é definido, hoje, pelo arquiteto Vitor Signorelli, filho do arquiteto Luiz Signorelli,

como sendo, de fato, o estilo "missões".

☑ A piscina, o vestiário e as duas esculturas da entrada da Praça de Esportes constam do projeto original de Luiz Signorelli, enquanto todos os parques e jardins ficam a cargo de Roberto Burle Marx.

☑ Num tempo distante da máquina, a abertura da avenida que contorna a estância é manual,

usando pá com picareta. A terra é carregada em couro de boi, puxado por filas e mais filas de burros.

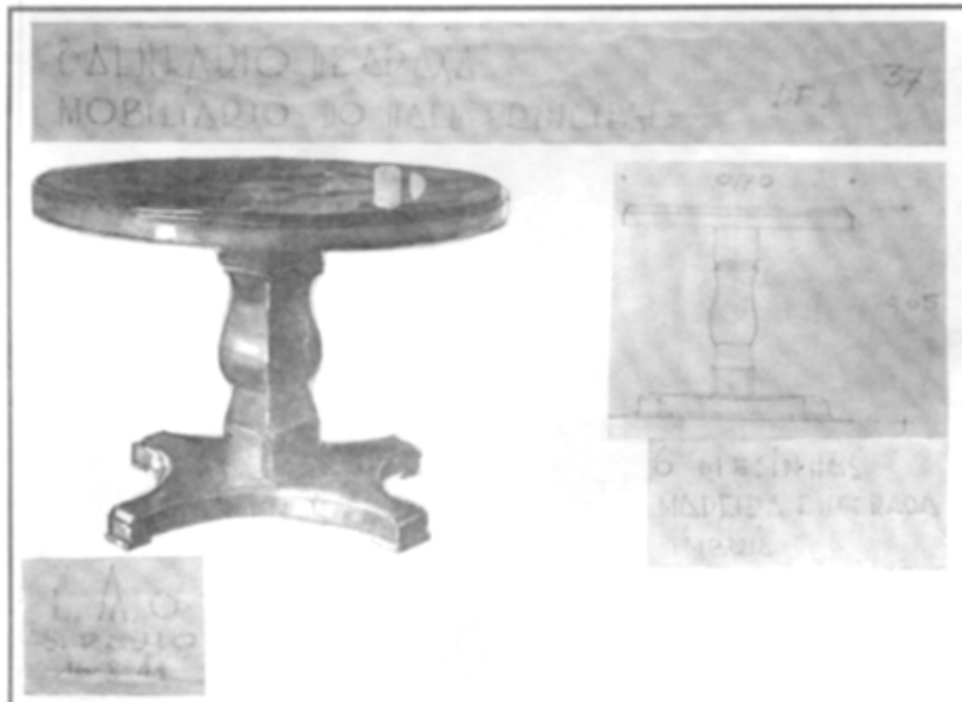
☑ A pavimentação em frente ao Grande Hotel/Termas (em concreto), a terraplenagem e a escavação também são feitas à mão. Os engenheiros e técnicos percorrem as obras a cavalo.

☑ O engenheiro Hans Petro Kierulf, especialista em concreto armado, é o responsável técnico pelas obras da Alcasan - Alfredo Carneiro Santiago - na construção do Grande Hotel/Termas ele projeta fundações especiais devido à grande camada de lama existente naquela região inclusive abaixo do Hotel. Hans Petro Kierulf chega a atuar como guia durante a construção por dominar fluentemente o inglês e o alemão.

☑ Pela Alcasan, empreiteira construtora, é contratada mão-de-obra especializada como o carpinteiro Oto Smith e o mecânico Frederico Fritz.

☑ "Laubisch Hirth", alemão radicado no Rio de Janeiro, considerado na época, o melhor fabricante de móveis no Brasil, projeta e fabrica parte do mobiliário, ao lado do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

☑ Piancastelli & Filhos Ltda, fábrica de móveis fundada por descendentes de italianos radicados em Belo Horizonte à época da construção da nova capital, produziu parte do mobiliário do Grande Hotel/Termas. De lá, o trem da Rede Ferroviária retorna carregado



Cópia de projeto de mesa para o Balneário assinado pelo Liceu de Artes e Ofícios. São Paulo, 16/08/1944.

trazendo para Araxá a mercadoria que é montada, aqui mesmo, pelo próprio fabricante.

☑ Os Piancastelli são obrigados a pedir proteção ao governo visando a garantir a segurança do mobiliário que se produzia para o Estado. Isto porque durante a 2ª Guerra Mundial os italianos são impedidos de trabalhar

☑ Outros exemplares de móveis também fabricados pela "Piancastelli" podem ser vistos no Palácio da Liberdade, sede do governo mineiro, no Grande Hotel de Ouro Preto e em Diamantina.

☑ Durante o tempo em que vive em Araxá, Luiz Signorelli introduz novos hábitos à vida da cidade. Anda de caiaque, barco a motor com esqui pela lagoa, registra cenas da construção com filmadora própria, circula com seu carro importado mas também adapta-se aos lazeres locais: a caça e a pesca.

O engenheiro Roberto Pena, da equipe de construtores, também passeava com seu caiaque canadense pela lagoa do Barreiro.

☑ As pinturas e afrescos que decoram as paredes do Grande Hotel/Termas chegam a ser criticados, na época, pelo "modernismo" retratado.

☑ O aeroporto é empreitado pelo engenheiro Arsênio Garzon.

☑ Tudo indica que a inauguração das Termas em abril de 1944 consta apenas de uma cerimônia oficial com as presenças do Presidente da República, do Governador, Secretários de Estado, Prefeito Municipal e outras autoridades. A população da cidade comparece em número reduzido.

☑ Existem teorias sobre a ausência das empresas mineiras e a dos engenheiros construtores da obra durante a cerimônia de inauguração das Termas em 1944, quando a classe política marca forte presença. Uma delas é que a empresa contratada oficialmente é paulista. A de Minas Gerais, no caso, é uma subempreiteira que poderia fazer sombra à primeira.

☑ Na época, o Grande Hotel equipara-se somente aos hotéis de altíssimo luxo do Rio de Janeiro e de São Paulo. Uma das grandes novidades é a existência de quarto com banheiro privativo.

☑ O termalismo é, nesse momento, um grande atrativo turístico no mundo. no final da construção e logo depois de inaugurada, muitos estrangeiros enfrentam dezoito horas de viagem de trem a partir de Belo Horizonte em busca das Termas de Araxá.

Em reconhecimento ao trabalho de Signorelli Getúlio Vargas lhe oferece uma viagem internacional como presente. O arquiteto discorda do Presidente e diz preferir uma viagem pelo Brasil.

Fonte:

. Arquivos SPH/FCCB
. Arquivo Público Mineiro
. Depoimentos diversos



ESTAÇÃO MEMÓRIA

EX-PREFEITO ANTÔNIO MARTINS VILLAS BOAS

O ano de 1930 foi marcado por grande efervescência política no país. Minas Gerais foi um dos Estados protagonistas do movimento que ficou conhecido por Revolução de 30.

Araxá viveu intensos reflexos das transformações que levaram Getúlio Vargas ao poder. Durante aquele ano três prefeitos administraram a cidade: Dr. Hugo de Rezende Levy, médico, e os advogados Antônio Martins Villas Boas e Fausto Alvim, todos nomeados pelo governo mineiro.

Nessa edição, O Trem da História traz o perfil de Antônio Martins Villas Boas, que exerceu a função de prefeito de Araxá a convite de Olegário Maciel, Presidente do Estado (como eram chamados os governadores).

Quando o prefeito Villas Boas aqui chegou, Araxá estava dividida politicamente, de forma bem acirrada, entre ferreiristas e jacuistas. O governo do Presidente Olegário Maciel (1930-1933) buscava implantar uma diretriz política menos conservadora que aqui apoiava o senador João Jacques Montandon e seus partidários.

As ruas da cidade, muitas ainda sem calçamento, eram movimentadas com a chegada do trem pela recém-instalada Estrada de Ferro Oeste de Minas trazendo "aquáticos" e mercadorias. Havia bons espetáculos no antigo Cine-Teatro Glória. A euforia pela existência dos cursos secundário e normal criados pelas irmãs dominicanas dava lugar à expectativa da inauguração do Colégio Dom Bosco pelo Pe. Antônio Marcigaglia.

No Barreiro, em meio às antigas instalações balneárias e ao considerável número de hotéis, a realização de vários estudos sobre o teor das águas lançava as bases para a construção do complexo. Grande Hotel, das Termas, fontes e jardins.

HISTÓRIA ADMINISTRATIVA

A documentação que serviu como fonte de pesquisa da história administrativa do referido período revela alguns atos do então prefeito Villas Boas. Na sua maioria tratam de resoluções tributárias, licenças relacionadas à construção civil e aos serviços públicos em geral.

É curioso observar as exonerações de cargos assinadas por ocasião da alternância do poder em todos os níveis e o envolvimento de funcionários municipais na Revolução de 30.

Naquele tempo, a estrutura municipal exigia do prefeito a leitura e o deferimento, de próprio punho, de documentos que eram analisados e despachados um a um.

O ex-Prefeito Villas Boas era natural de Guicema, então distrito de Rio Branco, hoje Visconde do Rio Branco (MG) onde nasceu em 15/11/1896. Administrou a cidade por poucos meses e ao deixar o governo



Ex-prefeito Antônio Martins Villas Boas. 1923. Acervo Família Villas Boas.

municipal escalou vários degraus da vida pública.

DADOS BIOGRÁFICOS

Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, recebeu a Medalha de Ouro Barão do Rio Branco, prêmio conferido ao melhor aluno da turma.

Depois de ter iniciado a vida profissional advogando em Visconde do Rio Branco, foi Delegado de Polícia e Promotor de Justiça em Patos de Minas.

Ingressou na magistratura mineira ao exercer o cargo de Juiz Municipal de Mirai (MG). À experiência de prefeito somaram-se, posteriormente, a de Procurador-Geral de Estado, a de Desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e a de Ministro do Supremo Tribunal Federal nomeado pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek (seu amigo e de José Maria de Alkmin desde a juventude quando os três trabalhavam juntos na Repartição-Geral dos Telégrafos, em Belo Horizonte).

Villas Boas foi ainda Secretário de Finanças do Estado de Minas Gerais e professor catedrático da Faculdade de Direito, a mesma onde se bacharelou e onde exerceu o cargo de diretor no biênio 1955-1957.

Como presidente do Tribunal Superior Eleitoral aposentou-se em 1966. Consta do seu currículo a autoria da publicação de uma obra jurídica sobre aspectos matrimoniais. No início de 1997, o Supremo Tribunal Federal reuniu-se para celebrar o centenário do seu nascimento (acontecido em novembro de 1996) em sessão realizada em Brasília, cidade onde o ex-Prefeito Antônio Martins Villas Boas falecera em 10 de novembro de 1987.

Fonte:

Dicionário Biográfico de Minas Gerais - período republicano - 1889-1991 / Coordenação de Norma de Goes Monteiro - Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994.

Arquivos SPH/FCCB
Acervos da Família Antônio Martins Villas Boas

FAZENDO HISTÓRIA

CHICO XAVIER FOTOS E ENTREVISTAS

Esse foi o nome da interessante exposição de fotos e entrevistas realizadas no "Museu Histórico de Araxá - Dona Beja" do dia 15 de abril a 04 de maio. Homenagem prestada a Chico Xavier pelo seu aniversário, dia 02 de abril. Sylvia Almeida Barsante e seus companheiros do "Caminheiros do Bem" foram os responsáveis por essa programação.

EXPOSIÇÃO BORDADOS ARRAIOLO

Aconteceu, de 5 a 14 de maio, no Espaço Cultural do Banco do Brasil em parceria com a Fundação Cultural Calmon Barreto, rica mostra de bordados arraiolo. Foram expostos tapetes, panôs, quadros e almofadas, evidenciando a arte e o bom gosto da professora Cida Condé e suas alunas.

ARTESANATO

Durante o primeiro semestre do corrente ano, o supervisão de artesanato da Fundação Cultural Calmon Barreto promoveu Cursos Livres na área de desenhos, pinturas, tecelagem e, ainda, oficinas de arte. Esse mesmo setor se fez presente em exposições e manifestações artísticas, eventos os mais diversos, como a Feira da Paz em Belo Horizonte e a Feira dos Estados em Brasília. Fechou o semestre com uma Mostra na SEMANÁREA - Encontro Regional do CREA - MG.

ESCOLA MUNICIPAL DE MÚSICA MAESTRO ELIAS PORFIRIO DE AZEVEDO

SEDE PRÓPRIA

A Prefeitura adquiriu uma casa para que ali funcione a Escola de Música. Trata-se da ex-residência dos engenheiros da Rede Ferroviária Federal, situada à Praça Arthur Bernardes, ao lado da Fundação Cultural Calmon Barreto. No dia 16 de abril de 1998, o Sr. Prefeito Municipal Ministro Olavo Drummond, fez a entrega da chave da casa, à Lucília Cardoso Porfírio, diretora da Escola e a Lygia Cardoso Maneira, Presidente dessa Fundação. Todos os professores estavam presentes.

APRESENTAÇÕES

A Escola de Música vem se apresentando mensalmente no auditório da própria Escola e

no Clube Araxá com seus corais, banda de música, grupo de vozes e seresta, professores, alunos e cantores. Ela destacou-se sobremaneira nesse último trimestre. Marcou presença em várias solenidades do município, especialmente em eventos dos museus, igrejas, casamentos e bodas, praças, festas juninas, clubes sociais e de serviços, companhias mineradoras, etc.

CURSOS DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA PARA CORISTAS E REGÊNCIA

O Programa "Oficina de Cultura", implantado pelo governo de Minas em parceria com o Ministério do Trabalho, realizou em Araxá, através da Escola de Música, o Curso de Orientação Técnica Reciclando os Corais e seus Regentes. Carlos Eduardo Prates, maestro consagrado em Minas, Brasil e exterior, permaneceu em Araxá no período de 29/06 a 08/07 e prometeu voltar mais vezes. Sentiu que foi válido o aproveitamento e grande o entusiasmo do grupo participante.

SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

CURSOS

• Conservação e Documentação de Acervos Museológicos foi o curso ministrado de 22 a 26 de junho, pela museóloga Josenira Monteiro de Sousa. A Fundação Cultural Calmon Barreto em parceria com a FAFI (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras) e o CODEMPAC (Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural), promoveu o curso patrocinado pelo FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) do Ministério da Cultura através da Secretana de Cultura do Estado.

• De 27 a 31 de julho, no Museu Calmon Barreto, foi realizado o curso "Museologia - Museu, Educação e Cidadania" ministrado pela Professora Dra. Maria Célia Teixeira Moura Santos. O Curso também patrocinado pelo FAT através da Secretaria de Cultura do Estado foi promovido pela Fundação Cultural Calmon Barreto em parceria com o CODEMPAC e a Secretaria Municipal de Educação.

PROJETO

O Ministério da Cultura aprovou e autorizou o repasse dos recursos para a execução do projeto "SOS Pinacoteca" elaborado por este setor com o fim de conservar e restaurar os quadros do Museu Histórico de Araxá - Dona Beja.

O início dos trabalhos está previsto para o mês de agosto devendo estar concluídos em dezembro deste ano.

NOITES DE AUTOGRAFOS

Elianne de Moraes lançou o seu livro de crônicas e poesias "Simplesmente por Amar" no dia 04 de junho no Museu Calmon Barreto. Na noite de 23 de julho, o Museu Histórico de Araxá - Dona Beja abriu suas portas para o lançamento de: "Quanta Saudade", livro do Professor Osmar Barra. Nele o autor resgata a história da música sertaneja. O "Trio Três Estados" de Ribeirão Preto animou a noite de autógrafos.

EXPOSIÇÃO DE PINTURAS

Aconteceram no decorrer dos meses de junho e julho, mostras de pintores araxaenses. No espaço cultural do Banco do Brasil, houve a mostra da artista Márcia Santos Scarpellini. No "Museu Histórico de Araxá - Dona Beja", numa coletiva, a professora de pintura Maria José de Paiva Teixeira apresentou trabalhos de 22 de seus alunos. Dando prosseguimento à programação do Museu, Cordélia Barreto expôs, no decorrer das férias, 24 quadros de óleo sobre tela enfocando natureza morta, paisagens regionais, flores e ruas de Araxá.

"O USO DA IMAGEM COMO FONTE - CALMON BARRETO E A EPOPEIA DA COLONIZAÇÃO EM MINAS GERAIS NOS SÉCULOS XVIII E XIX"

Durante o XI Encontro Regional de História, as obras do artista plástico Prof. Calmon Barreto foram o tema de um curso ministrado pela historiadora Glaucia Teixeira Nogueira Lima da Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá e por Maria Therezinha Nunes, educadora mineira e consultora de história. O evento aconteceu em Uberlândia no mês de julho e teve como objetivo principal, socializar experiências de pesquisa e de ensino entre os professores de todos os níveis, pesquisadores e estudantes de História.

O curso que contribuiu para divulgar Calmon Barreto no meio acadêmico, propôs o uso de alguns dos seus desenhos e pinturas como fonte para a interpretação histórica. A produção artística passaria a ser usada como recurso metodológico e não como meio de ilustração.

APOIO



COMPANHIA BRASILEIRA DE METALURGIA E MINERAÇÃO